



## MANDJUANDADE COMO ESPAÇO DE LUTA PELA EMANCIPAÇÃO FEMININA NO CONTEXTO SOCIAL NA GUINÉ-BISSAU

*Ricardo Ossagô de Carvalho<sup>1</sup>*

*Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB),  
Instituto de Humanidade, Redenção, Ceara, Brasil*

*Daiana Fernando Mbundé<sup>2</sup>*

*Universidade Federal do Paraná (UFPR), Faculdade de Ciência Humanas,  
departamento de Sociologia, Curitiba, Paraná, Brasil*

**Resumo:** Este artigo traz uma discussão sobre mandjuandade como espaço de luta pela emancipação feminina no contexto social na Guiné-Bissau. Visa abordar o surgimento da mandjuandade, a utilização do termo e as suas práticas sociais, que, de uma certa forma, é um espaço emancipatório das mulheres guineenses. Inclusive, a mandjuandade como associativismo, influência na fuga das mulheres dos seus lares domésticos em busca de lugares de tomada de decisões que interferem em suas posições hierárquicas no contexto social e econômico, assim, dando-as vozes devido a invisibilidade das suas lutas na sociedade estruturalmente patriarcado.

**Palavras-Chave:** Guiné-Bissau; Mulheres; Mandjuandade; Emancipação; Associativismo

### MANDJUANDADE AS SPACE FOR FIGHT FOR FEMALE EMANCIPATION IN THE SOCIAL AND ECONOMIC CONTEXT IN GUINEA-BISSAU

**Abstract:** This article discusses the struggles of Guinean's women in seeking for emancipation in the social context of Guinea-Bissau, it's aims to address the emergence of mandjuandade, the use of the term and it social practices, it is somehow a field where GuineaBissau's women seek for emancipation. Inclusion, mandjuandade as associativism, influence the flight of women from their domestic homes in search of places of decision making that interfere in their hierarchical positions in the social and economic context, thus giving them voices due to the invisibility of their struggles in societ structurally patriarchy.

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB), Instituto de Humanidades - IH nos Cursos de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - BHU; Licenciatura em Sociologia e professor permanente do Mestrado Interdisciplinar em Humanidades (MIH). E-mail: [ricarvalhojunior@yahoo.com.br](mailto:ricarvalhojunior@yahoo.com.br) ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7574-7008>

<sup>2</sup> Bacharel em Humanidade, Licenciada em Sociologia e Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: [dafernandolove@gmail.com](mailto:dafernandolove@gmail.com) ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4602-131X>



**Keywords:** Guinea Bissau, Women, Mandjuandade, Emancipation, Associativism

### **MANDJUANDADE COMO ESPACIO DE LUCHA POR LA EMANCIPACIÓN FEMENINA EN EL CONTEXTO SOCIAL Y ECONÓMICO EN GUINEA-BISSAU**

**Resumen:** Resumen: Este artículo trae una discusión sobre el mandjuandade como espacio de lucha por la emancipación femenina em el contexto social de Guinea-Bissau. Tiene como objetivo abordar el surgimento de mandjuandade, el uso del Término y sus prácticas sociales, que, en certo modo, es espacio emancipatório para las mujeres guineanas. La inclusión, infleye en la huida de las mujeres de sus hogares domésticos em usca de lugares de toma de decisiones jerárquicas en el contexto social y económico, dándoles así voz por la invisibilidad de suas luchas em la sociedade estructuralmente patricardo.

**Palabras-clave:** Guinea-Bissau; Mujeres; Mandjuandade; Emancipación; Asociativismo

### **MANDJUANDADE COME SPACE DE LUTTE POUR L'ÉMANCIPATION FÉMININE DANS LE CONTEXTE SOCIAL ET ÉCONOMIQUE EM GUINÉE-BISSAU**

**Résumé:** Cet article traite de la mandjuandade comme espace de lutte pour l'émancipation des femmes dans le contexte social en Guinée-Bissau. Il vise à aborder l'émergence de la mandjuandade, l'usage du terme et ses pratiques sociales, qui, en quelque sorte, est un espace émancipateur pour les femmes guinéennes. L'inclusion, mandjuandade comme associativisme, influence la fuite des femmes de leurs foyers à la recherche de lieux de prise de décision qui s'immiscent dans leurs positions hiérarchiques dans le contexte social et économique, leur donnant ainsi des voix en raison de l'invisibilité de leurs luttes dans la société structurellement patriarcale.

**Mots-clés:** Guinée-Bissau; Femmes; Mandjuandade; Émancipation, Associativisme

## **INTRODUÇÃO**

O estudo terá como foco central a mandjuandade (associativismo), como espaço de busca da emancipação das mulheres guineenses no contexto social e econômico. Essa análise é um manifesto de um problema social; a desigualdade de gênero, que abrange em diversas áreas tais como: político, social, econômico e cultural e as mulheres têm lutado pela emancipação nessas esferas, a sua participação nos grupos de mandjuandade é uma forma de resistência a submissão em seus lares familiares, a estrutura patriarcado e sua invisibilidade nos lugares de tomadas de decisões. Para pensar a pesquisa é necessária uma reflexão de mandjuandade como espaço de emancipação feminina, a partir, de discussões, investigação, compreensão, interpretação e registro bibliográficos.



Tendo como foco Guiné-Bissau, o trabalho não deixa de se relacionar e explorar outras produções científicas que debatem questões relativas às mulheres e as suas lutas para igualdade de direitos como tema de pesquisa e objeto de reflexão. E antes de dar seguimento ao desenvolvimento do artigo, algumas informações sobre o país se fazem necessárias.

A República da Guiné-Bissau é um Estado de democracia constitucional, que fica situada na Costa Ocidental da África, com uma superfície de 36.125km<sup>2</sup>, sendo que 24.800km<sup>2</sup> são superfície habitáveis, e as outras são cobertas de mar, fluviais e pelo alagamento provocado pela chuva regulares e periódicas, faz fronteira com o Senegal ao norte, a leste e a sudeste com a República da Guiné-Conacri e ao sul e a oeste com Oceano ao Atlântico. Na sua parte continental o país é constituído por baixa zona plana estendendo-se até à planície do Senegal, com vastos rios, dentre os quais se destacam, Buba, Cacheu, Mansoa, Geba e Corubal pela parte insular a Guiné-Bissau possui o arquipélago dos Bijagós com 88 ilhas e ilhéus.

No requisito diversidades culturais e práticas religiosas, à Guiné-Bissau tornou-se um símbolo de mosaicos étnicos porque, em todo o seu território geográficos consta representações de grupos étnicos linguísticos subdividido em torno de vinte e seis(26) grupos entre eles: Fula, Balanta, , Mandinga, Pépel, Flup, Biafada, Budjugu, Mandjaku, Mancanh, Mansonka- Bramés, Biafadas e Saraculês e entre outras preservando o seu reportório e linguístico e identidade própria, os grupos são estruturadas socialmente, economicamente e culturalmente de modos diferentes.

Tendo como língua oficializada, o português, que é falado por uma pequena parcela da população considerada como língua de ensino acadêmico e de comunicação em fóruns internacionais. Também tem o crioulo que é uma língua da unidade nacional que facilita a comunicação entre pessoas de diferentes dialetos étnicos. A maioria da sua população se encontra no campo e/ ou no meio rural e vive da prática da agricultura familiar. Considerada país em vias de desenvolvimento, a sua dependência para sobrevivência é da agropecuária e da pesca. Tendo como alimento básico o arroz, entretanto o cultivo de caju, manga, arroz, inhame, banana, cana- de-açúcar levaram Guiné-Bissau no sexto lugar de produção global essa atividade econômica ocupa 12% da superfície territorial. Também a pesca é outro elemento importante para economia nacional, o país é exportador de peixe e camarão, existem grandes reservas minerais a serem exploradas que possuem fosfato bauxita e petróleo (BULL, 1989; LOPES, 2012).



Essas informações permitem localizar as condições sociopolíticas dos habitantes da Guiné-Bissau e dessa forma, levantar questionamento sobre o papel do associativismo, (mandjuandade) para consolidação da liberdade feminina no âmbito social cultural e econômico?

Diante de problema posto, Borres (2004), mostra que esses grupos associativos criados na África ocidental vão servindo como refúgio para mulheres, tendo em conta a estrutura que compõe o grupo de mandjuandade, o poder hierarquicamente é centrado nas figuras femininas e geralmente os homens assumem lugares secundários nas tomadas de decisões. Essas estratégias adotadas foram fundamentais neste contexto social e para a parcela feminina pré-coloniais, a fim de defender e reivindicar os seus interesses econômicos, sociais e políticos, através de organizações associativas. Mesmo hoje, as mulheres procuram refúgios nas associações, como uma forma de fugir de problemas familiares e em busca de autonomia econômica, social e cultural.

Percebe-se que o associativismo na Guiné-Bissau, tornou-se um campo de fuga para mulheres que lutam para afirmação de liberdade civil, cultural e econômica, construído pelo vínculo de solidariedade mútua.

Perante este contexto social, pretendemos, com o nosso trabalho, compreender os principais problemas que estão por trás desse fenômeno através de um estudo empírico, proporcionado, assim, uma reflexão crítica e ideologias em torno da temática. Por outro lado, o trabalho propõe-se a contribuir em termos teóricos para a discussão referente, a busca da emancipação feminina, o associativismo na Guiné-Bissau, a equidade entre gênero em esferas social e cultural e econômica.

O artigo justifica-se em vários âmbitos por ser uma temática menos argumentada na sociedade africana, guineense em particular, embora a discussão tornou-se viável em dias atuais, várias organizações nacionais internacionais tenham problematizado e analisado essa questão em toda a parte do continente africano. No âmbito acadêmico, o trabalho servirá de suporte bibliográfico para futuras produções de artigos, livros, ensaios e palestras sobre a mandjuandade: busca da emancipação feminina.

No âmbito social, justifica-se por proporcionar reflexões e debates a respeito do assunto, dado que pouco se discute sobre tal problema. Diante disso, este trabalho visa essencialmente trazer à tona uma reflexão sobre lugares de decisões das mulheres na sociedade guineense, e uma luta pela hierarquização social devido a desigualdade de gênero presente.



Para a concretização da pesquisa utilizei a etapa da pesquisa bibliográfica de natureza exploratória, na base dos fundamentos dos principais autores Domingues (2000), Semedo (2010), Teixeira (2016), Anoko (2008) abordando sobre gênero e descrição da mandjuandade como prática de associativismo, o trabalho é correlato com tratamento qualitativo.

O artigo está constituído por duas etapas: A primeira, apresento um breve panorama sobre as definições do termo mandjuandade, o surgimento do termo mandjuandade e uma análise de palavra corpo e performance, a segunda etapa visa abordar sobre mandjuandade e prática do associativismo, a sua relação com a igualdade de gênero na Guiné-Bissau.

### **A ORIGEM DA MANDJUANDADE: CONCEITOS E TERMOS**

Em Guiné-Bissau, a origem da palavra *mandjuandade* se atrelou em diversos significados durante os seus percursos históricos, nas zonas rural e urbana até dita *mandjuandade* dos dias atuais. O nome ganhou significados, o termo utilizado da dinâmica passou a ser incorporados em várias etnias. A Guiné-Bissau sendo um país conhecido pelo seu mosaico cultural, onde não obstante a sua pequena dimensão territorial, vivem grupos e subgrupos étnicos, que no seu todo compõem uma vasta e rica diversidade cultural e linguística.

Desde modo, termo *mandjuandade* é associado com a oralidade e tradição, uma vez que, a tradição é considerada como lugar de preservação da memória coletiva, uma construção histórica de um povo, um espaço que dinamiza, mas, porém, preserva a essência. Ela está no fazer cotidiano, que diverge de cultura para cultura. Assim a tradição é a “herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulos, ao longo dos séculos” (BÂ, 1982, p.124).

A tradição africana, conforme ensina Hampâté Bâ (1982), é múltipla e diversificada, mas, no interior dessa multiplicidade encontram-se cores similares. Em várias partes da África, a oralidade, é um pertencimento da tradição africana através da fala, o homem jura e compromete diante dos seus semelhantes. *mandjuandade* faz parte dessa tradição oral, e de ensinamento passado de geração para geração.

A origem de *mandjuandade*, chama a atenção para termos que se traduzem como “coletividade” ou associativismo, compreendidas como espaço de solidariedade mútua,



consta em várias línguas étnicas guineenses. “Em *balanta* a relação em termos de coletividade é dita *tiddi*; em felupe é *buiâbbu*; em fula é *kilê*, em mancank é *b'thassar*; em manjaco é *urân* ou *udân*, em mandinga é *kafonhômá*, em papel é *urana*” (SEMEDO, 2010, p.125).

Outros exemplos de associativismo, com o termo relacionada a *mandjuandade*, a se destacar é de *colegassom* da etnia manjaca, “a palavra tem o significado estrutura ligados a influência linguística herdada do crioulo”. A expressão *colegassom* pode ser compreendida assim: colegas que significa pessoas da mesma idade ou que cresceram juntos, amigos ou aqueles que fazem tudo junto a *colegassom* remete a *mandjuandade* (JALÓ, 2016, p. 23),

Para melhor compreensão do surgimento do termo *mandjuandade*, os primeiros autores a usar a palavra *mandjuandade* foram, Antônio Carreira e Fernando Rogado Quintino. Antônio Carreira declara no seu artigo publicado no Boletim Colonial da Guiné Portuguesa (BCGP), que os grupos organizados para fins sociais se definiam “pelo vocábulo acrioulado (que parece ligar-se à raiz manjaca) de *Mandjuandade*, utilizado no sentido da mesma idade; da mesma estrutura; da mesma geração; idêntico; igual; semelhante”. Carreira assegura que o termo é utilizado por indivíduos do mesmo escalão, com direitos e obrigações equivalentes pertencem, na “expressão crioula; já generalizada, a mesma *mandjuandade* ( termo julgamos ser de origem manjaca) *manjoandade*, utilizado no sentido da mesma idade; da mesma estrutura; da mesma geração idêntico; igual; semelhante”; Carreira assegura que o termo é utilizado por “indivíduos do mesmo escalão, com direitos e obrigações equivalentes pertencem, na expressão crioula; já generalizada, a mesma *mandjuandade*( termo que julgamos ser da origem manjaca)”. Com passar do tempo e evolução dos estudos sobre *mandjuandade*, Carreira deu nova definição ao termo *mandjuandade* compreendendo-o como coletividade (sobretudo feminina), “uma associação ou grupo de pessoas, mais ou menos da mesma faixa etária ou ainda da mesma geração, que se organiza para confraternizações e apoio mútuo em ocasiões ou circunstâncias diversas” (SEMEDO, 2010, p. 127).

Trouxemos diferentes autores que explicam o termo *mandjuandade* e as suas definições; Para Borges & Freitas (2005, p. 39) definem *mandjuandade* como:

Associações voluntárias e democráticas, nas quais o poder deliberativo compete aos membros reunidos em assembleia geral, que elege os titulares para os cargos dirigentes, e que legitima o seu poder. As deliberações mais importantes são debatidas em assembleia, nas quais o direito à palavra é igual à participação



financeira dos associados fundamenta o igual tratamento de todos os membros, com igual poder, pelo menos de palavra idênticos e direitos.

Por sua vez, Teixeira (2014, p.175) “considera *mandjuandade* como uma forma de resistência que a sociedade civil encontrou para manter a sua autonomia e vínculo de solidariedade e identidade do grupo” os grupos de *mandjuandade* tem uma participação ativa nas campanhas políticas, também de uma certa forma desempenha papel de sociedade civil, fazendo crítica ao governo para melhoria do país.

Já para Santana (2012-2013, p.9-10), “*mandjuandade* faz parte de uma tradição oral, remetendo a ideia de Hampâté Bâ, e que o próprio termo si abrange vários significados mas quase sinônimos entre coletividade, grupo, convívio, organização, tradição são alguns dos termos remetem para o conceito e que expressam claramente o espírito destes grupos” ela traz a definição da *mandjuandade* como “coletivos de mulheres da mesma faixa etária ou da mesma geração que se organizam para confraternizar e dar apoio mútuo em circunstância específicas”.

Montenegro (2002, p.47) no seu dicionário de crioulo apresenta o termo “*mandjua*, que é o mesmo coetâneo, colega, da mesma classe de idade”.

Estes autores vêm trazendo diversos termos para definição da *mandjuandade*, com base nessas contribuições, podemos afirmar que a *mandjuandade* é uma coletividade, ou um grupo de associativismo, em que os integrantes do grupo se classificam com base na faixa etária, ou laços de amizades, se organizam para confraternizações em apoio mútuo em ocasiões ou circunstância diversas. Isto demonstra que os grupos de *mandjuandade*, agregaram pessoas de diversas etnias que fazem parte da diversidade cultural na Guiné-Bissau, neste contexto as mulheres se juntam para criar e narrar histórias, interpretadas em forma de música, que fazem parte dos seus cotidianos.

## O SURGIMENTO DA MANDJUANDADE

O surgimento da *mandjuandade* tornou-se incógnita. De acordo com Odete Costa Semedo, nenhuma das testemunhas entrevistadas na sua tese de doutorado sabe facultar a data exata de nascimento da *mandjuandade*, as bases da resposta eram sempre o mesmo: “no padido no odja no garandis na brinka sim anos tambi no lanta no pegal, papbia e silistia, i harmonia”, o que significa em português; “nascemos e vimos os nossos mais velhos brincando (assim divertindo): nós também crescemos seguindo os seus passos, porque é harmonia” (SEMEDO, 2010, p.136).



A autora vai trazer alguns dados para poder sintetizar a existência da mandjuandade, a primeira foi entrevista com, Adriano Gomes Ferreira Atchutchi), baseou-se em fontes orais mencionou, os anos 1940, exatamente em meados de 1944 ou 1945, como o ano de desenvolvimento da mandjuandade em Guiné-Bissau, e o seu apogeu com a implementação dos aparelhos administrativos coloniais portugueses, no rastro das “campanha da pacificação”<sup>3</sup> outra hipótese é baseada na referência a cantigas feita pelo cônego Marcelino Marques de Barros no século XIX, que faz recuar a existência da mandjuandade mais de duzentos anos.

É importante salientar também que as origens da mandjuandade nas suas primeiras formas se relacionam com fato de que maioria dos membros do associativismo moram perto ou na mesma aldeia. A dinâmica dos trabalhos como buscar água, cortar lenha, lavar roupa, vender guloseimas, ir a costura etc., influenciou grupos de jovens e mulheres a se ajudarem mutuamente nos trabalhos domésticos e outras atividades.

Segundo Semedo (2010), a sociedade está em constante fase da evolução, sempre encontra uma forma de conjugar os momentos bons com lazer. Na Guiné-Bissau, uns desses momentos é a mandjuandade, que surge precisamente no meio urbano, como resultando “abalroação de culturas”, a do nativo e a do colonizador. Isto despertou nos nativos o modo de estar diferente em uma sociedade que emerge do encontro entre dois ou mais povos e culturas, em meio multiétnico, por fim ainda é possível encontrar a semelhança entre as relações de solidariedade e entreajuda, que foram estabelecidas entre elas (SEMEDO,2010).

Em relação entre nativos e colonizador, Odete Semedo apresenta algumas heranças deixadas pelo colonialismo português que passou a ser uma adaptação cultural, como lugares escolhido da Rainha e Rei das Mandjuandades; no espaço de mandjuandade recriam estruturas monárquicas e reconstroem ambientes: a figura de Rei e da Rainha, das meirinhas, ‘macho e fêmea’ e dos soldados que cumprem normas colocadas pelo rei e rainha, que também tem poder de punir com multa aos infratores, cuja prevaricação por vezes é proposital a fim de ter outros encontros, a falta de reclamações de multas cobradas, contrariamente à revolta suscitada nos habitantes guineenses pelo pagamento do ‘imposto palhota’ e o ‘imposto por cabeça’ que a autoridade faziam cumprir obrigatoriamente, verifica-se no exemplo da performance ‘dos soldados’ da

---

<sup>3</sup> Assim, desencadeando o processo da implantação dos aparelhos administrativos portugueses no território local, através de iniciativas militares chamadas pelos portugueses de “campanhas de pacificação”.



mandjuandade, ao saudarem o rei e rainha com gestos de continência, quando dança na frente desses responsáveis da associativismo, recorda-se a forma “irreverente, o cumprimento entre os militares colônias. “A dança “singa” trás da origem mancanha traz essa memória da dança do salão da cultura europeia, porém é dançada descalço e ao ar livre, isso remete a raiz da colonização reinventada nas culturas locais” (SEMEDO 2010, p.138).

Podemos ver em baixo as tabelas representando as posições e ocupações de cargos de destaques na mandjuandade.

**Tabela 1.** Funções de *mandjuandade* conforme gênero

Rainha	Rei
Meirinha	Meirinha
Financeira	Financeiro
Cordeira	Cordeiro
Conselheira	Conselheiro
Servidora	Servidor
Chefe de sala	Chefe de sala

*Fonte:* Semedo (2010)

O cargo determinado da rainha e rei, é uns dos mais importante no grupo, escolhido pela maioria, atende ao comportamento respeitável e a sua participação ativa na mandjuandade, um exemplo, a rainha tem que ser um exemplo de personalidade e de caráter, características das marcas do colono, e para outros membros do grupo, ela também tem que ter reputação de ser mulher empreendedora e de confiança, tem que ter bastante sabedoria para poder aconselhar restante membro de grupo.

O comportamento do rei escolhido não difere da rainha, tem que ser um homem de confiança, exemplar com bastante sabedoria. Os nomes dos cargos hierárquica da mandjuandade é uma parte da raiz colonial deixado, como explana Semedo (2010). A partir dessa leitura pode-se argumentar que as mulheres escolhem mandjuandade como um ponto de fuga para luta pela igualdade de gênero, pois, assumem lugares de destaques e influentes nesta esfera social, sendo muitas das vezes na prática a rainha que detém a maior influência e poder na organização, essa parte terá o seu desenvolvimento na segunda etapa. Dessa forma as mulheres nas associações vão construindo as suas emancipações na esfera social e cultural.

A ilustração a seguir vai mostrar a figura da Rainha e Rei na *mandjuandade*.



**Figura 1.** Foto de rei e rainha



*Fonte:* Acervo de Maio Balde (2012).

Uma vez que, na prática, dentro da mandjuandade as mulheres assumem o maior protagonismo, sendo elas as principais responsáveis pelo funcionamento e atividades da associação, e que corresponde um homólogo masculino, o rei e rainha são as primeiras pessoas indicadas num associativismo, sendo meirinhas são aqueles que porventura substituem as rainhas e o rei no caso da ausência, podendo ser indigitadas para algumas atividades pelo rei e rainha, em caso de estes terem algum impedimento. Segundo Domingues (2000, p.481),

compete à rainha especificamente fiscalizar as despesas (vestuário, alimentação, empréstimos), autorizar ou não, casuística e arbitrariamente, os pedidos de empréstimos, o que lhe confere um importante poder político. Além destas competências, é responsável pela participação das mulheres nas atividades da associação.

O cargo denominado de financeira ou financeiro envolve grande responsabilidade, relacionada com finanças das associações, até a “fiscalização das contas, produção de relatórios, propostas de sanções aos membros com quotas em atraso, e a instrução de processos individuais e o seu arquivamento”. Os cordeiros são como mensageiros do grupo, são aqueles que saem para anunciar os encontros batendo em casa em casa, informar qual o montante a ser doado de abotas. “As meirinhas controlam a área



financeira ou o tesoureiro, elas também cuidam do vestuário e alimentação, efetuando compras, além de controlar a disciplina interna do grupo” Os conselheiros são aqueles que aconselham o rei e rainha a tomarem uma decisão certa; “já os chefes da sala são aqueles que mantêm a disciplina no grupo. Por últimos os servidores, que cuidam das tarefas mais cotidianas do grupo” (DOMINGUES; 2000, p.481-482).

De acordo com Semedo (2010), a mandjuandade tem as suas regras específicas, quando foi descumprida, o integrante é punido para manter a disciplina na associação. Mas também podem ser utilizadas com outros propósitos.

O pagamento de multa por infringir as regras implementadas pelo grupo é um dos momentos de encontro com a mandjuandade, a punição pelos esses incidentes como: atraso nos encontros, falar palavrões, brigas, fazer gesto obsceno e / ou cantar cantigas com conteúdo “erótico”. “São multadas e o pagamento pode ser feito no momento aplicada, ou em maiorias das vezes implica organização do encontro, a pessoa multada assume as despesas dos encontros” (SEMEDO, 2010, p. 145).

Compreendemos mandjuandade não só com uma associação dinâmica, mas também como grupo com normas e regras, que ajudará em evolução e solidariedade da associação, e ajuda mútua entres membros.

## **MANDJUANDADE COMO ESPAÇO DA EMANCIPAÇÃO FEMININA NA GUINÉ-BISSAU**

Esta seção, descreve, a mandjuandade como espaço da emancipação social, a busca das mulheres pela hierarquização social, também retrata um pouco sobre os estudos de gênero e mandjuandade como prática de associativismo.

### **GÊNERO E EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES GUINEENSES**

O colonialismo é uma forma de negar a existência do outro ser humano como à natureza que ele se encontra, o processo tira do colonizado todos os bens, incluindo a negação da identidade e da sua história. A embarcação da Europa nessa aventura de exploração “das almas do povo negro” disfarçada em processo “civilizatório”, pelo contrário os seus valores não contribuíram para um mundo mais justo, mais igualitário e fraterno, pois nesse cenário, os valores escravistas são racistas, patrimonialistas, patriarcais e sexistas (GARCIA, 2020, p. 40)



Nesta trajetória de exploração de alma negro a luta pela emancipação feminina, foi primeira vez usada, no contexto da luta pela independência da Guiné-Bissau contra o colono português, de acordo com Gomes (2015, p.1), “o discurso da emancipação feminina teve a sua gênese em Guiné, Bissau, Cabo Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Angola, no decorrer da luta contra o colonialismo português”. A luta anticolonial estimulou a participação das mulheres numa esfera política ideológica, como nas frentes das lutas armadas, no ensino, na saúde, e entre outras funções elaboradas pelos movimentos da luta da libertação nacional.

A partir do ano 1960 desencadeou-se a estratégia da luta pela libertação da Guiné-Bissau, e teve o suporte da massa populacional clandestina e a capacidade da liderança do partido PAIGC, e de seu líder Amílcar Lopes Cabral, e as mulheres que também deram as suas contribuições as zonas libertadas, alcançando os seus objetivos através do programa criada pelo partido, e no que se refere a igualdade entre homens e as mulheres, afirmando que os “homens e as mulheres gozam dos mesmo direitos na família, no trabalho e nas atividades públicas” essas palavras foram traduzidas em emancipação feminina, “e representavam uma verdadeira revolução em relação ao estatuto da mulher na esfera pública, no âmbito sócio econômico e cultural na Guiné-Bissau” (GOMES, 2015,p.3).

Vale ressaltar que a luta da libertação nacional da Guiné-Bissau e Cabo Verde não se completa apenas pela expulsão do colono português, mas também realça o estatuto da mulher na sociedade, foi uma consciencialização das pessoas sobre os direitos que as mulheres deveriam exercer na sociedade.

Para compreender a busca das mulheres guineenses pela emancipação no contexto social, recorreremos uma breve abordagem dos estudos de gênero, dando ênfase aos autores africanos que dedicaram a sua pesquisa sobre gênero.

Desigualdade de gênero se relaciona a uma profunda preocupação, uma vez que não se limita exclusivamente às diferenças biológicas, mas também a existência de discriminação e tratamento desigual contra as mulheres. A luta contra machismo merece destaque, tendo em conta que desde muitos anos enraíza nas sociedades.

Categoria gênero começou por ser utilizada para indicar a construção social das diferenças e das desigualdades características das sociedades humanas, ocidentais e não só. O gênero foi sendo concebido como uma categoria política orientada no sentido da redefinição das relações de poder, público e privado, entre homens e mulheres, ao mesmo tempo em que se transformava numa categoria



epistemológica, de pesquisa, finalizada a refundar os processos de conhecimento (GOMES, 2015, p. 169).

Em outras reflexões, por termo sexo foi ligada ao biológico a palavra gênero passou a ser utilizada “para enfatizar os aspectos culturais relacionadas às diferenças sexuais, gênero remete a cultura, aponta uma construção social das diferenças sexuais mostra uma classificação social do masculino e feminino” (PINSKY, 2009, p.162).

Para Joan Scott (1985), a designação do termo “gênero” provém das feministas americanas que pretendiam dar certa peculiaridade social, baseadas nas distinções de sexo, enfatizando que a palavra determinava uma negação ao determinismo biológico oculto no uso de termos “sexo” ou “diferenças sexual”. Também o gênero acentuava no aspecto relacionado a peculiaridade normativa de feminilidade. Nos anos 80 o termo gênero procurava a legitimação, na academia dos estudos feministas (SCOTT 1985, p.7),

Nos leva a entender que, o sexo é algo biológico enquanto que gênero é construção social, sendo construção social, ele descreve aquilo que deve ser, não aquilo que você realmente é as ideologias construídas numa sociedade dinâmica.

De acordo com Pinsky (2009, p.163), “o objetivo da investigação não exatamente a categórica “empírica mulher ou homem” pode ser o significado atribuído a objetos e atitudes”. Pode remeter às condições de igualdade de gênero, paternidade, maternidade; as relações familiares ou trabalho; e as representações de gênero estão sendo construída em vários espaços, no mercado de trabalho, nas instituições, os meios de comunicação, os movimentos, as experiências coletivas e as escolhas individuais.

E para Julienne N. Anoko, o gênero pode ser considerado,

Coloca-se para além da mera questão de se tratar de mulheres. Refere-se à forma como uma dada sociedade define papéis, responsabilidades, direitos e oportunidades em virtude de se ser homem ou mulher. Essas características, adquirida mercê do processo de socialização, são específicas e variam consoante os contextos. O gênero é cultural ao passo que o sexo é biológico. Em muitas sociedades tradicionais africanas, esses papéis são flexíveis, inclusive em determinadas circunstâncias podem-se inverter (ANOKO,2008, p.11).

O gênero é uma construção social, que indica lugar e ocupação de mulher e homem, e no contexto vivido numa sociedade patriarcal, essa divisão direciona a uma desigualdade de gênero, que é uma prática pouco prudente que afeta pessoas, no entanto observamos que as mulheres são os que mais sofrem, portanto, é preciso usar mecanismo legais para lutar contra essa desigualdade gerada pela sociedade, trazendo uma realidade



social mais equilibrada onde as pessoas gozam do mesmo direito e as mesmas oportunidades.

O que se percebe a construção social impõe o homem como sendo superior às mulheres, elas, legitima a hegemonia masculina, que funciona como mecanismo que afirma a dominação masculina fundamentada na divisão social e de trabalho, que se restringe nas atividades que são atribuídas a diferença sexual, reservando determinado espaço para homens e mulheres.

Falar de gênero em Guiné-Bissau, recorremos, a luta da libertação nacional pela independência, que é uns dos marcos históricos das mulheres, que de uma certa forma tiveram a participação ativa numa luta que explana a igualdade de gênero como referido em cima. Rebate Gomes (2016, p.123),

Um dos principais indicadores dos avanços e dos revezes da luta armada na Guiné-Bissau estava precisamente ligado ao processo de libertação das mulheres e ao grau de participação e de visibilidade que elas tinham adquirido na sociedade. Paralelamente, comecei por compreender mais a fundo que os debates e as questões de gênero tinham constituído um ponto de rotura em relação ao projeto societário pensado para depois da tomada do poder pelas forças nacionalistas.

Abordar o tema da participação feminina na construção da cidadania ativa na Guiné-Bissau, é complexo porque na Guiné-Bissau as mulheres insurgiram-se ao lado dos homens desde tempo da resistência a conquista colonial e também durante luta armada, ocupando assim diversas funções, isso demonstra reconhecimento da liberdade confiscada durante a experiência colonial, mas não tira o caso da desigualdade deixada pelo um sistema patriarcal que está enraizada na sociedade guineense, e perguntamos se o discurso da emancipação feminina ainda vigora nessa sociedade, desigual?

Patrícia Godinho Gomes (2015) explana, que os problemas que as mulheres de “novos Estados enfrentavam como condicionantes da sua emancipação eram substancial e formalmente, diferentes daqueles que as mulheres do mundo ocidental tinha experimentado”, por isso não vou debruçar o termo feminista, nesse trabalho, não minimizando as lutas das feministas, mas dando espaço ao novo olhar das situações da condição das mulheres em Guiné-Bissau, a campanha para autonomia das mulherismo ganharia ímpeto com a proclamação,

em 1975, do ano internacional da Mulher e com a realização, no mesmo ano, da conferência, dedicada a afirmação dos direitos civis das mulheres, em especial a luta contra a discriminação de gênero e a adoção de políticas de integração,



centrou-se em torno de três grandes eixos: igualdade, desenvolvimento e paz, que marcariam doravante agente política da organização (GOMES, 2015, p. 169).

Tatiana Raquel Reis Silva (2018), afirma que os movimentos de mulheres africanas precisam ser analisados a partir de outra concepção de poder, “na medida em que tradicionalmente elas possuíam organizações autônomas e sistemas de autogoverno, que necessariamente não dependiam de Estado para que se enfatizarem ou mesmo organizassem na vida comunitária” a imposição do sistema colonial, sobre o lugar da hegemonia do homem, afeta as posição das mulheres na sociedade, destaca a “matricentralidade”, as comunidades que as mulheres exercem funções de representatividades na sociedade africana, em que as mulheres controlavam “atividades agrícolas, religiosas e comerciais” este sistema “ não é igual ao patriarcado, mas ambos conviviam compartilhando e cooperando no mesmo espaço social. Exemplos de algumas etnias da Guiné-Bissau (manjaco, bijagós e papel), que são matrilineares ressalta autora que; devemos problematizar as sociedades matrilineares da tradição África, uma vez que embora “as mulheres conseguissem obter, em alguns contextos, uma importância significativa, o domínio público continuava sendo um espaço políticos de homens detentores do poder” (SILVA, 2018, p. 971-972).

O feminismo negro foi introduzido para discutir lugar da mulher negra na sociedade, a marginalização do corpo negro os estereótipos criados na base da negritude, cria uma ruptura de pensamento de movimentos feminista que discutiam lugar das mulheres na sociedade, enquanto ser universal, as mulheres negras não tinham esse espaço de fala. A autora cria um argumento contra conceito de essencialismo enquanto discutia sobre assunto, ao analisar a interseccionalidade que demonstra a interconexão entre racismo, classe e raça, sexualidade como marcador social de diferença. Essa análise pautada deve ter em conta a diferença, o feminismo, classe social, também deve levar em conta a reducionismo e a subjetividade de poder.

Como o continente africano é considerada na visão eurocêntrica como continente pobre e em vias de desenvolvimento, a luta da mulher ainda não está avançada para espaço público, porque remete a esfera privada, onde acontece violência física e simbólica, uma luta pelo direito a vida, a fala, a escolha, a não casamento forçada, a não circuncisão feminina, a autotomia financeira, uma luta pela educação das jovens meninas, luta para controle do corpo feminino. Então pergunto onde se encaixa a pauta de negros contra sistema branco se a nossa luta e contra nossos homens pretos com heranças

colonizadas e nosso sistema que ainda desenvolve o conceito de escravidão e de desvalorização de corpo feminino negro.

Perante o sistema patriarcal, o lugar imposto para mulheres, no seu lar doméstico, a sua luta constante para autoafirmação, e busca pela hierarquização social, destacamos as mulheres guineenses que rompem as barreiras, e participam no associativismo, que de uma certa forma, dá para mulher um lugar de destaque, numa sociedade dominada pelos homens, a busca de lugar de fala compostos nas canções de mandjuandade e ditos, direcionadas para mudanças na sociedade.

### **MANDJUANDADE COMO PRÁTICA DE ASSOCIATIVISMO**

O continente africano tem sido caracterizado pela sua dinâmica associativa, particularmente na costa ocidental onde as associações de mulheres, populares, tradicionais ou informais, proliferam nas sociedades rurais e urbanas.

A prática de reunir as mulheres em organizações sociais de tipo associativo tem chamado a atenção dos pesquisadores, que as tem caracterizado com exemplos de ativismo feminino para enfrentar as assimetrias de gênero na África ocidental, por causa das linhagens masculinas que acabam por excluir as mulheres relativamente ao poder e a autoridade públicos. Borges & Freitas (2005, p.35) relatam que,

Excluídas das estruturas de poder linhageiras, as mulheres encontraram nas organizações associativa de base voluntária e igualitária, sustentadas pela solidariedade e partilha de interesses individuais e coletivos, uma estratégia de acesso ao poder público. Deste modo, o habitus histórico do associativismo feminino na África Ocidental, dever-se-ia à posição social da mulher nas sociedades linhageiras, em que as hierarquias baseadas na senioridade e gênero, dispensando a participação das mulheres no poder e autoridades públicos, e instituindo assimetrias que marginalizam socialmente as mulheres, teria propiciado os motivos, os meios e as oportunidades, para a sua autonomia e individualiza concorrendo para o fenômeno do associativismo voluntário feminino.

Estes grupos associativos criados na África ocidental vão servindo como refúgio para mulheres, tendo em conta o poder ali não se centralizar na masculinidade, mas em linhagens femininas. Essas estratégias adotadas foram fundamentais para sociedade e para a parcela feminina pré-coloniais, com os fins de defender e reivindicar os seus interesses econômicos, sociais e políticos, através de organizações associativas.

As mulheres guineenses, procuram grupo de associativismo como refúgios nas associações, fugindo de problemas familiares em busca de empoderamento. Borges





(2004), vai trazer a ideia de que as vezes a falta de voz ou posição da mulher na família como uma figura de autoridade feminina acaba levando-a a entrar nas associações, ela explana que:

Parentesco, uma vez que, por um lado, vivem entre a parentela do marido, e por outro lado o seu poder, e acesso aos recursos no interior da sua própria família é limitado, estariam “marginalizadas” socialmente, o que teria propiciado os motivos, os meios, e as suas oportunidades para sua autonomia, e individualização concorrendo para fenômeno do associativismo voluntário feminino (BORGES, 2004, p. 24).

Lugar da mulher é influenciada pela constituição da sociedade guineense, e torna algo normativo devido a construção, “as práticas discriminatórias que pensam sobre as mulheres e as constroem a um papel doméstico tem fundamentalmente a ver com importância atribuída ao casamento na sociedade guineense” as mulheres são educadas para com objetivo é casamento, com comprimento dessa missão torna orgulho para família. “O casamento confere um certo estatuto a mulher é tido como honra para família. Por isso, o divórcio não é aceite ou é evitado no máximo, mesmo à custa de muitos sacrifícios para mulher” devido o valor de casamento a honra da família sempre é posto a jogo, e as esposa esforçam para mantê-lo, e o “homem é considerado marido, provedor do lar e é educado para ser líder e chefe de família. Ele detém o poder de decidir sobre os compromissos” (VOZ DE PAZ, 2018, p.45).

A forte participação feminina nas associações atuais pode ser interpretada como uma estratégia feminina, que vai resgatar a tradição do associativismo, com hábito de influenciar as táticas de investimentos sociais, visando manter as relações sociais, diretamente, utilizáveis ou mobilizáveis, transformando-as em trocas de apoio mútuo.

Na África pré-colonial as associações de mulheres se baseiam em grupos de idade e gênero, essas sociedades se diferenciam de outras dos rituais das faixas etárias e gênero, de modo que poderiam fornecer uma estrutura organizada para funções políticas sócias de acordo com Borges (2004) e Domingues (2000). A entrada nas associações femininas estava em grande predeterminada em função da idade, do gênero, ou às vezes por laços de parentesco, ou territoriais, distinguindo-as das associações atuais, representadas com “animadas por mulheres, que mantendo os princípios tradicionais da solidariedade e interajuda, e funcionando sobre o princípio mutualista apelam a adesão voluntária dos associados” (DOMINGUES,2000, p.440-441).

Tendo em conta a evolução da adesão ao grupo, a idade, o gênero e a religião já não consta como obstáculo para entrada no associativismo. Isto “decorre deste fato que



as associações atuais, são eminentes elaboradas urbanas, baseadas na adesão de indivíduos autônomos e livres na escolha das relações sociais que estabelecem” (BORGES,2004, p.25).

Enquanto que no cotidiano as adesões nas associações podem ser descritas no seu conjunto como voluntário ou não dos membros, com base na solidariedade e afinidade de base étnica, de relação de vizinhança ou de trabalho. Esses grupos também funcionam através de um princípio geral do sistema de poupança mutualista, e ainda pelas suas funções polivalentes (socialização, segurança social, crédito financeiro, realização de cerimônia familiares) “O recrutamento se baseia em características socioeconômicas dos membros, como sejam a idade, sexo, o nascimento, a profissão ou a residência, bem como por etnia ou parentesco” (DOMINGUES,2000, p141).

Domingues classifica a mandjuandade da Guiné-Bissau como associação informal que acumula diversas funções, com diversos objetivo, dentre os quais “poupança e compra coletiva de bens de consumo (por exemplo a festa e cerimônia), crédito individual aos membros, celebração de cerimônias familiares e religiosas e ainda organizar festas recreativas” (DOMINGUES, 2000, p.443).

As mulheres, não obstante, carregar exclusivamente das realizações de trabalhos domésticos, não obstante a sua participação noutras atividades sociais ou profissionais. “Assim mulheres com ocupação profissional é obrigada a conciliar a sua atividade e os deveres domésticos. “As consequências deste hábito é a sobrecarga de um dos membros da família que, após uma jornada de trabalho fora de casa as mulheres de associativismo, mesmo ocupada com trabalho doméstico, procuram espaço de uma emancipação feminina para ter uma hierarquização social” (VOZ DA PAZ, 2018, p.44).

A Guiné-Bissau tem uma longa tradição de solidariedade feminina associativa a nível local que valoriza a mulher. As associações de mulheres são uma réplica das mandjuandades, organizações tradicionais onde a mulher tem um papel social aceita e valorizada pela sociedade.

As associações de mulheres, além de serem destinadas a contribuir para a sua emancipação social e económica, representam uma mais-valia na esfera política, nomeadamente durante as campanhas eleitorais. Grupos organizados com liderança reconhecida, às associações são um aglomerado com muita diversidade e poder numérico. As suas líderes são alvo e pessoas-recurso a ter em conta, na medida em que têm o apoio dum grupo considerável de mulheres. O poder das redes associativas representa uma mais-valia notável quanto à sua eficácia e potencialidades de comunicação (VOZ DE PAZ, 2018, p.59).



As mulheres de associativismo, tem participação ativa na política no período de campanha para eleições, as músicas compostas para campanha, as sensibilizações, para votação e dão vozes a sociedade civil.

Essas atividades mencionadas muitas das vezes se relacionam com a introdução da urbanização e da monetarização cada vez mais exclusiva da economia, contribuindo para desorganizar o sistema de segurança social baseada na família extensa, que eram responsáveis solidariamente pelo bem-estar de cada membro familiar, ajudando sempre que houvesse a necessidades de apoio, às funções foram transmitidas para organização social continuando com hábitos de interajuda, de acordo com a.

As práticas associativas são oportunidades para mulheres organizassem redes de relações sócias desligadas do universo doméstico e familiar, permitindo-a a “individualização das estratégias femininas, de sobrevivência e promoção socioeconômico com base em relações sociais voluntárias, que implicam confiança e solidariedade” o privilégio dessa relações sociais ajudam as mulheres a conseguir “privilégios imprescindíveis na incerteza das duras condições de vida que as mulheres enfrentam atualmente nas cidades” (BARRETO & COSTA, 2010, p. 207-208).

Tendo em conta as leituras referenciadas, consideramos as associações como o meio de interajuda que a sociedade cria, onde vão se estabelecendo atividades que geram crédito para futuras necessidades, próprias ou de um membro da família, também realça o estatuto da mulher na sociedade dominado pelo patriarcado, porque na associação a mulher encontra uma fuga de ocupações doméstico, dando a fala a suas realidades com críticas o sistema, brincadeiras de mandjuas, tornando-a mais emancipada socialmente e economicamente.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise sobre Mandjuandade como espaço da luta pela emancipação feminina no contexto social e econômico na Guiné-Bissau. Isto nos permitiu fazer uma abordagem, sobre surgimento de termos mandjuandade dando destaques alguns autores (as), que contextualizam o termo, assim trazendo uma análise de mandjuandade como lugar de diversão de corpo e performance não só também pode ser espaço de luta pela igualdade de gênero, na sociedade onde as mulheres procuram vezes e vozes.



No âmbito de gênero, mandjuandade é um espaço para as mulheres que lutam por uma sociedade justa e igualitário, como um meio de fuga para procura de hierarquização social destacando o papel de rainha.

Em relação à política governamental, os grupos de mandjuandades tem grande presença nas campanhas políticas devido a “seriedade das mulheres” no momento da conscientização do povo para ir a urna, de mesmo modo serve como voz para sociedade civil, dando-a espaço para expressão os seus problemas com Estado e forma de governar.

Mandjuandade também atua como uma forma de educação informa, porque transmite o conhecimento, também abrange diversas características, umas delas é de adquirir a educação de uma forma espontânea, envolvendo a prática cultural no caso das associações, a mandjuandade estabelece laços de solidariedade, e relações com base em interesses mútuos.

Concluimos que a mandjuandade é uma prática que envolve diferentes áreas de esfera social econômica, política e cultural no país, a participação das mulheres em diversas áreas mesmo considerados pelo estado informal, dá para elas um espaço de afirmação, e liberdade feminina, mesmo no país dominado pelo sistema patriarcal.

A ampliação da pesquisa sobre mandjuandade em todos os seus aspectos, é de real importância nas áreas da sociologia, porque pode trazer informações relevantes sobre o processo da emancipação feminina na Guiné-Bissau, e mandjuandade como prática de associativismo, também o estudo beneficia os leitores, tendo em conta a falta das referências sobre tais iniciativas sociais e políticas, e sensibilizar os futuros pesquisadores a conhecerem mais a cultura guineense, e não fixadas em divisão étnica mas observando mas a diversidade etnia e lutas das mulheres.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANOKO M. Diop, Julienne N. Gênero e equidade nas áreas protegidas na África. *Ocidental*. França: concepção Regis Jalabert-opus s. 2008.

BÂ, Amadou Hampâté. Vie et enseignement de tierno Bokar: le saga de Bandiagara Paris Seuil, 190

BARRETO, Antónia & COSTA, Ana Bénard. Congresso Portugal e os *PALOP: cooperação na área da educação*. Lisboa: ISCTE-IUL, 2010.

BORGES, Manuela. Negociando sociabilidades em meio urbano: associativismo feminino em Bissau (Guiné-Bissau, África Ocidental); In: *CONGRESSO Luso-afro-brasileiro de Ciências Sociais*, 8., 2004, Lisboa. [Actas]. Coimbra: CES, 2004.

BORGES, Maria Manuela; FREITAS, Joseania Miranda. Perspectivas histórico-educacionais do associativismo feminino na África e no Brasil – memórias solidárias: mandjuandades na Guiné-Bissau e a Irmandade da Boa Morte na Bahia. *Revista Educação em Questão*, v. 22, n. 8, 2005.

BULL, Benjamim Pinto. O crioulo da Guiné-Bissau. Filosofia e sabedoria. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; *Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas*, 1989.

DOMINGUES, Maria Manuela Abreu Borges. Estratégias femininas entre as badeiras de Bissau. Tese (Doutorado em Antropologia Cultural e Social), *Universidade Nova de Lisboa*, 2000.

GARCIA, dos Santos Antônia: Espaço gênero e raça: Os movimentos sociais e os desafios contemporâneos. *Revista ABPN*, v.12. n.34- Set- Nov 2020, p32-53

GOMES, Patrícia Godinho. Na senda da luta pela paz e igualdade: o contributo das mulheres guineenses. *Mukanda*, 8 mar. 2013.

GOMES, Patrícia Godinho. O estado da arte dos estudos de gênero na Guiné-Bissau: uma abordagem preliminar. *Outros tempos*, v. 12, n. 19, 2015.

GOMES, Patrícia Godinho. “As outras vozes”: percursos femininos, cultura política e processos emancipatórios na Guiné-Bissau. *Revista Odeere*, ano 1, n. 1, 2016.

JALO, Tania, Correia. A presença das estamparias (panos de pente) na etnia manjaco. *São Francisco do Conde – B2016*.

LOPES, Carlos. Amílcar Cabral: uma vida inspiradora. In: LOPES, Carlos (Org.). *Desafios contemporâneos da África: o legado de Amílcar Cabral*. São Paulo: *Unesp*, 2012.

MONTENEGRO, Teresa. Kriol tem: termos e expressões. *Bissau: Ku Si Mon*, 2002.

PEREIRA, Aristides. Uma luta, um partido, dois países: Guiné-Bissau-Cabo Verde. *Lisboa: Notícias*, 2003.

PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e história Social. Florianópolis: *By revista estudos feminista*, 2009.

Processos emancipatórios na Guiné-Bissau. *Revista Odeere*, ano 1, n. 1, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/odeere/article/viewFile/5722/5524>> . Acesso em: 2 março, 2021

SANTANA, Sara Gomes. Para uma narrativa histórica da arte africana: o caso da Guiné-Bissau e os grupos de mandjuandadi. *Trabalho de Conclusão de Disciplina (História da Arte)*, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2012-2013.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma Categoria Útil Para Análise Histórica. *DH Net*, 1985.

SEMEDO, Maria Odete da Costa. As mandjuandadi – cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura. Tese (Doutorado em Literaturas de Línguas Portuguesa), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.



SILVA, Reis Tatiana Raquel. Lutas e formas de organização feminina em África: considerações sobre Guiné-Bissau, Moçambique e Cabo Verde, *Maranhão, revista publica*, 2018.

TEXEIRA, Ricardino. O conceito de sociedade civil: um debate a partir do contexto da Guiné-Bissau. *Estudos de Sociologia*, v. 15, n. 2, p. 161-180, 2014.

*Recebido 01/03/2021*

*Aprovado em 30/04/2021*